

OXIGÊNIO

ABRIL 2023

o

NÚMERO 44



NAS MÃOS DE JR
NINGUÉM É MERO EXPECTADOR



EDITORIAL

Nos ensaios fotográficos, a pose das mãos pode comprometer a imagem. Dependendo da pose, uma mão no queixo pode imprimir um ar de segurança ou personalidade; já mãos no rosto contribuem para uma certa dramaticidade.

Na política, mãos fechadas, quando erguidas à direita ou à esquerda, têm significados absolutamente opostos. Nos romances, é o toque das mãos que dita o início ou o fim de uma história.

As mãos da lavoura exibem a aspereza do contato com a terra; as do pianista, a leveza das notas.

O papel da mão é o título da exposição do artista francês JR, que realiza sua primeira mostra individual em São Paulo. O nome da mostra é o nome da série inédita de colagens fotográficas que ele apresenta na Galeria Nara Roesler, em que a mão aparece como protagonista. Na obra, o modelo para o trabalho é a sua própria mão que foi fotografada aberta, espalmada, em um gesto que pode remeter às marcas deixadas por nossos ancestrais em cavernas ao redor do mundo.

A mão do artista torna-se assim uma espécie de autorretrato, um registro essencial da sua individualidade. JR busca valorizar nossa ferramenta mais básica e primária, em imagens que refletem sobre a potência criadora de nossa espécie e sobre a sua capacidade de deixar marcas na humanidade.

Vale conferir. Na matéria de capa dessa edição. E na Galeria.

Mãos à obra. Boa leitura!

Foto de capa: Divulgação | JR, *Inside Out Project*, Panthéon, Paris, França, 2014

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaboradores: Bruno Calixto e Marília Panitz

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com

ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

ÍNDICE

04

OXIGENE: “*Sertão sem fim*”, espetáculo inspirado em vivências de mulheres do interior da Bahia faz apresentações gratuitas em São Paulo | *Abba The Show*, o fenômeno mundial chega ao Brasil em 11 apresentações entre abril e maio | “*Os bolsos cheios de pão* – Comédia absurda com Louise Cardoso e Luiz Octavio Moraes coloca Godot em cena pela primeira vez | 13ª edição do Filmambiente – Inscrições abertas até 31 de maio

14

MATÉRIA DE CAPA: *O Papel da Mão*, primeira individual em São Paulo do francês JR, na Galeria Nara Roesler

20

GASTRONOMIA: Loja de decoração no Rio recebe *chefs* renomados para jantares intimistas e hamonizados com vinhos

24

SUSTENTABILIDADE: Pimenta Assissi, o superalimento produzido pelas mulheres Waiwai na Terra Indígena Nhamundá Mapuera

26

O Voo da Matéria, de Renato Brunello, na Arte132 Galeria

29

J. Borges, o mestre da xilogravura

33

Vinte na Galeria Provisória, em Ipanema, RJ

36

Athos Bulcão em Porto Alegre

41

No IMS Paulista, exposição do fotógrafo Evandro Teixeira, com imagens tiradas durante as ditaduras militares no Chile e no Brasil

47

Pinacoteca de São Paulo recebe a mostra *Formas Vivas*, de Elisa Bracher

51

Metapaisagens, de Luiz Pizarro

55

DIRETO DE LONDRES: A arte de Peter Doig na Courtauld Gallery

60

Primavera e Breu e *Matéria Escura* trazem a dança para dentro do Festival de Curitiba

SERTÃO SEM FIM

Espectáculo inspirado em vivências de mulheres do interior da Bahia faz apresentações gratuitas em São Paulo





Foto: Keiny Andrade

Com idealização de Tertulina Alves e dramaturgia de Rudinei Borges, a peça traz um olhar feminino sobre o sertão, aproximando questões da região ao corpo feminino.

O projeto teve início em 2018, quando a atriz Tertulina Alves retornou a Macaúbas, município no interior da Bahia onde passou parte de sua infância, para dialogar com mulheres que experimentam de diferentes formas as condições do sertão nordestino.

Os relatos foram unidos à história da própria Tertulina e se transformaram na peça

Sertão Sem Fim, que irá circular por vários teatros da cidade de São Paulo até maio (confira a programação abaixo), depois de uma curta temporada em 2021, presencial e online. A direção é de Donizeti Mazonas

Na peça, Tertulina interpreta Bastia, personagem que traz em seu corpo as múltiplas formas de se viver o sertão. As mulheres mais presentes na construção da personagem são a avó, Maria Tertulina, que nasceu no sertão da Bahia, na região de Três Outeiros de Macaúbas e migrou para São Paulo, encontrada recém-nascida em um cesto de palha num curral; Maria Izabel, também moradora da comunidade de Três Outeiros e conhecida até hoje, com mais de 80 anos, como a Rainha das Cavalgadas; e da própria Tertulina Alves, cuja infância foi vivida durante um período de forte seca.

A história de Bastia é marcada por uma imensa tragédia pessoal: seu marido, o vaqueiro Dão Sálvio, foi covardemente assassinado por fazendeiros da região. O motivo da morte foi a prosperidade do casal, que trabalhou duramente durante o período de estiagem e conseguiu adquirir um rebanho de sessenta cabeças de gado. Montada em um cavalo, ela percorre a cidade com o corpo morto do marido, em busca de justiça.

“No Sudeste ainda há um imaginário sobre o sertão quase sempre associado à seca. No espetáculo bus-

camos pensar em outras possibilidades de retratar esse espaço. A Maria Izabel, por exemplo, é uma mulher que foi arrimo de família desde os 10 anos, tendo de trabalhar longe de casa, em espaços onde chovia com mais frequência, para que pudesse trazer sustento para a família”, conta a atriz.

Entre as conversas que Tertulina teve com mulheres de idades e relações distintas com a região, destacam-se a de uma jovem de 25 anos, que deixou a cidade, e as de mulheres de 45 e 75, que revelaram vivamente as suas lutas ao longo do tempo, além de uma senhora de 100 anos que contou à Tertulina histórias sobre a sua avó, que faleceu quando ela era criança.

Os relatos foram transferidos para Rudinei, dramaturgo e poeta ficcionista que assina a dramaturgia do espetáculo. *“As narrativas, os trajetos e a história oral de mulheres sertanejas que eu sequer conhecia foram um convite sobretudo ao exercício da escuta e da empatia. O que eu tinha em mãos era o registro de áudios, uma voz miúda, quase ao longe, que me contava uma trajetória de luta na terra e pela terra, fragmentos de memórias que testemunhavam a desigualdade social e as injustiças do Brasil profundo”, diz Rudinei.*

O diretor Donizeti Mazonas afirma que o corpo assumiu destaque de protagonista no processo de criação de *Sertão Sem Fim*. *“A peça traz o sertão pra dentro da personagem, como se ele fosse também seu corpo. O texto vem de um espectro de narrativa muito poética, o que ajudou a pensarmos na Bastia como o próprio sertão, sendo ela uma tradução da chuva, da aridez e da natureza”.*

SERVIÇO

Espectáculo *Sertão sem fim*

Duração: 60 minutos

Classificação: Livre

Ingresso: gratuito

Retirar na bilheteria uma hora antes do espetáculo

Centro Cultural da Penha

12 e 13 de abril, quarta e quinta, às 20h

Endereço: Largo do Rosário, 20 – Penha de França

Teatro Flávio Império

14 a 16 de abril, sexta e sábado, às 19h, e domingo, às 18h

Endereço: R. Prof. Alves Pedroso, 600, Cangaíba

Teatro Cacilda Becker

12, 13 e 14 de maio, sexta e sábado, às 21h, e domingo, às 19h

Endereço: R. Tito, 295 – Lapa

Teatro Arthur Azevedo – Sala Multiuso

19, 20 e 21 de maio, sexta e sábado, às 20h, e domingo, às 18h

Endereço: Av. Paes de Barros, 955 – Alto da Mooca

Foto: Keiny Andrade





Foto: Divulgação

ABBA
THE SHOW,
o fenômeno
mundial,
chega
ao Brasil
em 11
apresentações
entre abril
e maio

A banda que ganhou projeção mundial e vem arrebatando milhões de pessoas em mais de 40 países, desembarca em terras brasileiras para uma mega turnê em diferentes cidades. O grupo sueco se apresenta com músicos da Orquestra Sinfônica Nacional de Londres, regida pelo maestro Matthew Freeman

O primeiro show será dia 14 de abril, em Belém. No dia seguinte, 15, em Recife. Na região sudeste, a banda fará apresentações em Poços de Caldas, dia 20, no Rio de Janeiro, 21, em Belo Horizonte, dia 22, e em São Paulo no dia 23. Em seguida, o grupo parte para o sul: Porto Alegre, 26, Araquari (SC), 28, Florianópolis, 29. Por último, Brasília no dia 30 e Goiânia, onde termina a temporada, no dia 1º de maio.

Há quase meio século nascia na Suécia um dos maiores fenômenos da música pop mundial: ABBA. O quarteto formado por Benny, Bjorn, Agnetha e Frida bateu todos os recordes, transcendeu horizontes e atravessou o tempo como um dos mais genuínos e bem-sucedidos grupos musicais de todos os tempos.

Separados há mais de quatro décadas, nunca anunciaram um fim, mas uma nova reunião sempre foi aguardada por diferentes gerações de fãs. Seus inúmeros hits ganharam força com a criação do musical *“Mama Mia”* que virou filme tornando-se uma das maiores bilheteiras do cinema e do teatro musical. O aguardado retorno em estúdio ocorreu em 2021 para acompanhar o projeto *“ABBA Voyager”*, um espetáculo tecnológico (com avatares) que recriou em computador o quarteto pop que nunca mais voltou aos palcos.

Entretanto, um projeto musical moldado com excelência, fez o que o grupo genuíno não faria mais: viajar pelo mundo apresentando-se para mais de dois milhões de pessoas com a mesma maestria sonora e vi-

Foto: Divulgação





Foto: Divulgação

sual da formação original. Há duas décadas, *ABBA THE SHOW*, criado por Camila Dahlin, Katja Nord, Matthew Freeman e Ulf Anderson (que fazia parte do quarteto original), ganhou projeção mundial e vem lotando apresentações em mais de 40 países. Considerado fenômeno em todo o mundo, o grupo já realizou cinco vezes mais shows do que a banda original nos anos 1960: no total, 777 apresentações.

Entre as exibições mais marcantes estão três noites com ingressos esgotados no *Hollywood Bowl* (2004, 2009 e 2010) e a memorável apresentação brasileira em 2011, quando o grupo se apresentou para mais de 70 mil pessoas no vale do Anhangabaú na cidade de São Paulo.

ABBA THE SHOW atual é formado por Camila Dahlin, Katja Nord, Mats Ronander, Janne Schaffer, Lasse Jonsson, Finn Sjöberg, Lasse Wellandere e Roger Palm, além de membros da Orquestra Sinfônica Nacional de Londres regida pelo Maestro Matthew Freeman.

O show propõe uma viagem no tempo, através da mágica jornada da história do ABBA, quando Bjorn, Benny, Agnetha e Frida se apresentavam juntos. Uma extravagância musical repleta de hits durante duas horas de

espetáculo, com as clássicas “*Waterloo*”, “*SOS*”, “*Mamma Mia*”, “*Dancing Queen*”, “*Money Money Money*”, “*Knowing Me Knowing You*” e muito mais.

O “*ABBA THE SHOW*” é um fenômeno, um ícone musical que se mantém em alta mesmo depois de todos esses anos.

SERVIÇO

Abba The Show

14/04 – Belém | Hot Classics

15/04 – Recife | Classic Hall

20/04 – Poços de Caldas

Ginásio Poliesportivo Dr. Arthur de M. Chaves

21/04 – Rio de Janeiro | Espaço Hall

22/04 – Belo Horizonte | Palácio das Artes,
Grande Teatro CEMIG

23/04 – São Paulo | Espaço Unimed
(anteriormente Espaço das Américas)

26/04 – Porto Alegre | Teatro Bourbon Country

28/04 – Araquari | Farm Hill

29/04 – Florianópolis | P12 Parador Internacional

30/04 – Brasília

Centro de Convenções Ulysses Guimarães

01/05 – Goiânia



Foto: Cristina Granato

OS BOLSOS CHEIOS DE PÃO

Comédia absurda com Louise Cardoso
e Luiz Octavio Moraes coloca Godot em cena
pela primeira vez. A direção é de Fernando Philbert

O espetáculo, em cartaz até dia 23 na Arena do Sesc Copacabana, RJ, é formado por duas peças curtas de Matéi Visniec, *O Último Godot* e *Os Bolsos Cheios de Pão*.

Dirigido por Fernando Philbert, é uma comédia absurda que traz, finalmente, Godot, o personagem icônico de Samuel Beckett, entrando em cena pela primeira vez.

Em *O Último Godot* há um embate entre o personagem Godot e o seu criador. Expulso do teatro fechado, Godot acaba conhecendo seu autor, Samuel Beckett, que foi também jogado na rua. Godot vê nesse encontro uma possibilidade de existir finalmente, já que é um personagem que nunca entrou em cena. Criador e criatura expressam seu amor incondicional pelo palco

e lamentam a tragédia da morte da cultura. Nasce entre eles um afeto que pode resultar em uma rica parceria artística. Será?

Em *Os Bolsos Cheios de Pão*, a temática gira em torno da história de dois senhores que estão indignados porque um cachorro foi jogado dentro de um poço. Inconformados, debatem calorosamente sobre quem teria sido capaz de fazer tal atrocidade, e discutem todas as possibilidades de salvar o animal. Cada um defende sua própria ideia, considerada melhor que a do outro. Eles avaliam as soluções possíveis para tirar o cachorro do poço, a noite chega e ambos resolvem deixar o assunto para o dia seguinte, amanhã!

Na encenação de Fernando Philbert, as duas peças se comunicam. Duas peças curtas, dois personagens, dois universos do absurdo. – *Os dois textos têm um humor peculiar e potente e uma humanidade latente, mesmo em sua estranheza e absurdo humor sobre a sociedade* –, comenta o diretor.

Como é possível existir e não existir, ser e não ser ao mesmo tempo, esse é o embate de Godot. Uma discussão sobre a existência e a decadência da cultura. Na outra história, há uma tentativa do diretor em aproximar os espectadores da discussão entre teorias de dois indivíduos, numa cena plenária que tem início com dois personagens nascendo do esgoto.

Foto: Cristina Granato



Entre as duas histórias há um corte “cinematográfico”. A primeira não terminou, ela continua com Godot fazendo sua primeira aparição pública, sua estreia como personagem que finalmente passa a existir e, então, há o corte para apresentar uma outra história, que já acontecia em uma ação anterior, uma ação que o espectador não assistiu, mas vai intuindo ao acompanhar a discussão extremista dos homens nascidos do esgoto.

A solidão dos personagens, nos dois textos, exprime a solidão comum entre os espectadores dessa contemporaneidade líquida, em que as relações sociais, econômicas e de produção são frágeis, fugazes e maleáveis.

– *Eu nunca vi um autor traduzir tanto o que é o mundo, como faz Matéi. É impressionante a capacidade que ele tem de entender o giro do mundo. De escrever uma peça que está sempre se repetindo. Uma peça dele dos anos 80 parece que foi escrita para os dias de hoje* –, comenta Fernando Philbert.

SERVIÇO

Espectáculo *Os Bolsos Cheios de Pão*

Sesc Copacabana – Arena

Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana, Rio de Janeiro / RJ

Informações: (21) 2547-0156

Até 23 de abril de 2023, quinta a domingo, às 20h

Ingresso: R\$ 30,00 (inteira) R\$ 15,00 (meia entrada para casos previstos por lei, estendida a professores e classe artística mediante apresentação de registro profissional)

R\$ 7,50 (credencial plena SESC) Gratuito (público PCG)

Funcionamento da bilheteria:

Terça a sábado – 09h às 20h e Domingos 13h às 20h

Duração: 70 minutos | Classificação: 12 anos



13ª EDIÇÃO DO FILMAMBIENTE

INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ 31 DE MAIO

Filmes de longa e curta metragens finalizados nos últimos dois anos e inéditos no Brasil e online, podem se inscrever através do site – www.filmambiente.com – ou das plataformas filmfreeway e festhome

O Filmambiente – Festival Internacional de Filmes Ambientais acontece de 28 de setembro a 4 de outubro, com cerca de 50 filmes. A curadoria reúne anualmente o melhor da recente produção mundial de filmes com temática ambiental e direitos humanos, em mostras competitivas de longa e curta metragens e mostras temáticas que se destacam a cada ano.

Em 2023 os organizadores decidiram abrir duas enquetes em suas redes sociais: o público fiel do festival poderá indicar quais os filmes exibidos em edições passadas que gostaria de rever. Os cinco mais votados farão parte da mostra *O público escolheu*. Além disso, os assuntos mais votados de uma lista de temas comporão os dois painéis temáticos do evento, realizados com especialistas e personalidades.

Still do filme Caminhar sobre a água, Melhor Filme da categoria Longa-Metragem da edição de 2022



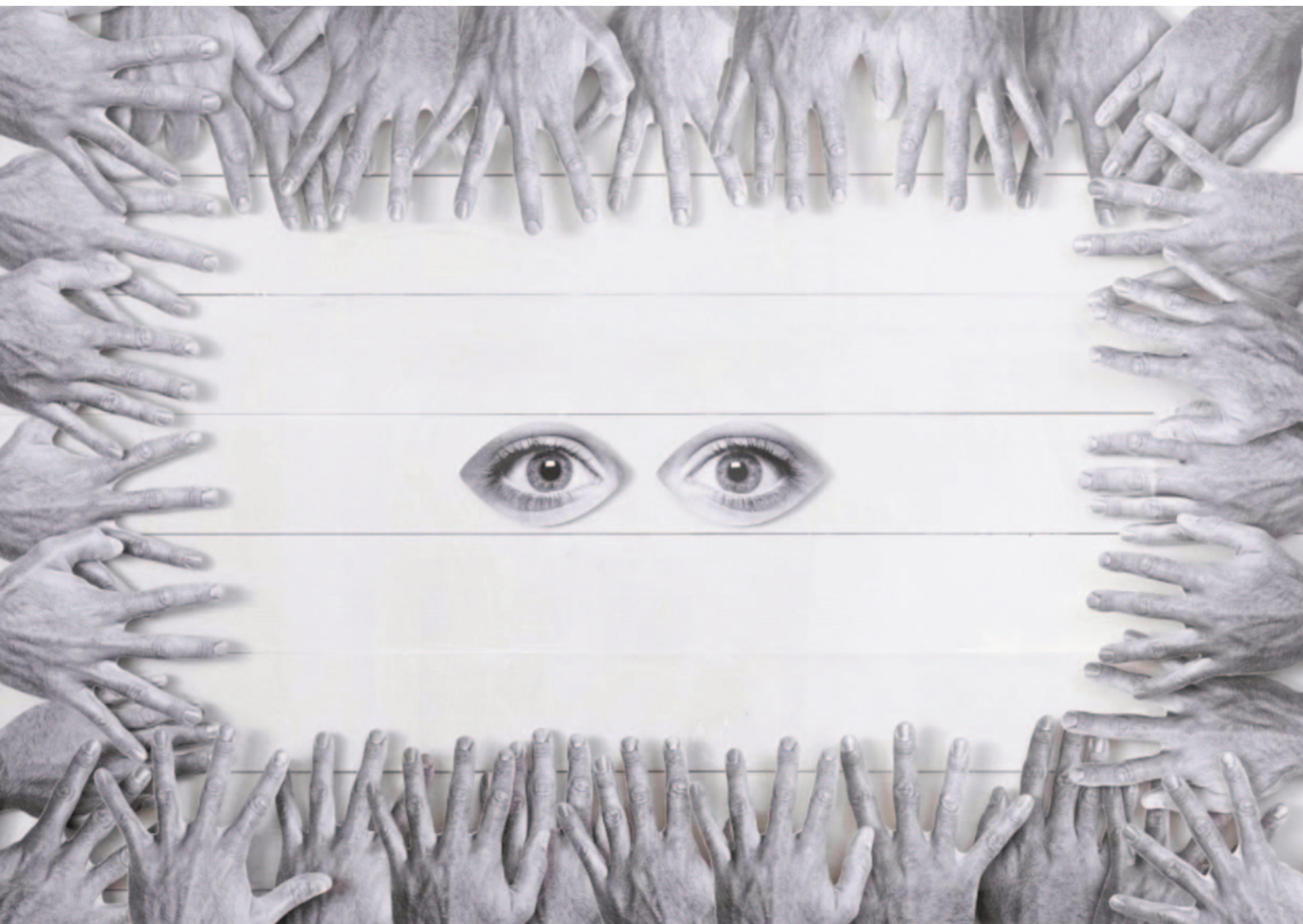


*Hands,
Composition # 4,
2022
Foto: Divulgação*

O PAPEL DA MÃO

PRIMEIRA INDIVIDUAL EM SÃO PAULO
DO FRANCÊS JR, NA GALERIA NARA ROESLER

Acompanhada de um ensaio do curador Marcello Dantas, a mostra se organiza em dois núcleos: no primeiro, o artista apresenta trabalhos inéditos, desenvolvidos especialmente para a ocasião, além de uma intervenção original na fachada da galeria; no segundo núcleo, estão reunidas obras emblemáticas de sua carreira que traçam um panorama de sua prática multidisciplinar. A exposição segue em exibição até 20 de maio



Hands, Composition # 3, 2022



Women Are Heroes, ação na Favela, Morro da Providência, Rio de Janeiro, 2008

Foto: Divulgação

Em sua trajetória, o artista tem atuado de forma consistente para estabelecer novos meios de aprofundar seu interesse pelo outro, envolvendo as populações locais na realização de suas proposições e atuando como testemunha de uma comunidade em que seus habitantes não são meros espectadores, mas sim sujeitos atuantes. Segundo o curador e autor de texto que acompanha a mostra, Marcello Dantas, *“com suas obras, o artista põe em evidência os pequenos atores do cotidiano dentro dos grandes contextos contemporâneos. JR fala dos outros mais do que de si: sua matéria prima são as histórias humanas que, amplificadas, traduzem o espírito de um tempo e da nossa condição.”*

As intervenções em grande escala realizadas em espaços públicos tornam visíveis tensões e conflitos presentes no espaço urbano, chamando a atenção das pessoas, para além dos visitantes típicos de museus, ao

espalhar seus trabalhos nos edifícios das periferias de Paris, nas paredes do Oriente Médio, nas pontes quebradas da África ou nas favelas do Brasil. JR já concebeu e realizou filmes, instalações, intervenções e trabalhos em diferentes linguagens, colaborando com o New York City Ballet, OSGemeos, Agnès Varda, Robert De Niro, entre muitos outros artistas.

Dando continuidade ao interesse pelo indivíduo, exercitado ao longo de sua atuação, JR apresenta, em sua primeira individual em São Paulo, uma série inédita de colagens fotográficas em que a mão aparece como protagonista. O modelo para o trabalho é a sua própria mão, que foi fotografada aberta, espalmada, em um gesto que pode remeter às marcas deixadas por nossos ancestrais em cavernas ao redor do mundo. A mão do artista torna-se assim uma espécie de autorretrato, uma marca da sua individualidade. Com esse gesto, JR busca valorizar nossa



Empreinte, Hand # 2, Chauvet, 2022

Foto: Divulgação

ferramenta mais básica e primária, em imagens que refletem sobre a potência criadora de nossa espécie e sobre a sua capacidade de deixar marcas na humanidade.

A própria montagem dos trabalhos evoca uma certa corporeidade: o artista imprime as fotografias em preto e branco sobre superfícies de madeira do mesmo formato da imagem, dispondo essas estruturas diretamente sobre as paredes da galeria e sobrepondo-as em composições emolduradas, criando um efeito de tridimensionalidade. A ausência de cor, uma das marcas características de seu trabalho, por sua vez, realça o caráter documental da fotografia ao mesmo tempo em que faz referência aos trabalhos do início de sua carreira.

No andar superior da galeria estão reunidos trabalhos icônicos de carreira de JR. Em especial, as fotos que documentam suas gigantescas intervenções em espaços públicos ao redor do mundo como o projeto *Inside Out*, realizado no *Highline Park*, em Nova York, 2011; a intervenção realizada no Palais de Tokyo, em Paris, 2020, a intervenção *Les Falaises*, diante da Torre Eiffel, no Trocadéro, em Paris, 2021; a intervenção na Pirâmide do Louvre, também em Paris, em 2019, entre outros.

Em paralelo, é exibido pela primeira vez no Brasil *Paper and Glue*, documentário premiado, dirigido pelo próprio artista, que apresenta a sua trajetória desde os primeiros vídeos de graffiti captados nos telhados de Paris, até suas intervenções em grande escala na divisa EUA-México, nas favelas do Rio de Janeiro, e no seu projeto mais recente em uma prisão de segurança máxima na Califórnia.

SOBRE O ARTISTA

Após encontrar uma câmera fotográfica no metrô de Paris, em 2001, JR (1983, Paris, França) decidiu viajar pela Europa para conhecer aqueles indivíduos que se expressavam em muros e fachadas de prédios, fazendo seus retratos e os expondo nas ruas. Graças às suas grandes intervenções em espaços públicos, ele torna visível fenômenos e pessoas que costumamos ignorar.

Os retratos que cria são radicalmente simples e trazem expressões questionadoras, penetrantes, observadoras e solenes, que chamam atenção e per-

manecem na nossa consciência por muito tempo após terem sido vistas.

Em cada projeto ele atua como testemunha de uma comunidade em que os habitantes não apenas veem os trabalhos, mas também os fazem. Mulheres idosas tornam-se modelos por um dia e crianças transformam-se em artistas por uma semana. A prática de JR não separa atores de espectadores e promove o encontro entre o sujeito/protagonista e o transeunte/ intérprete, levantando questões, criando vínculos sociais, reunindo comunidades e conscientizando pessoas.

JR vive e trabalha entre Paris, França, e New York, Estados Unidos. Seus trabalhos fazem parte de importantes coleções públicas de instituições como *Brooklyn Museum*, Brooklyn, USA; *San Francisco Museum of Modern Art*, San Francisco, USA; *Museum of Modern Art (MoMA)*, Nova York, Estados Unidos; *Palais de Tokyo*, Paris, França; *Hong Kong Contemporary Art Foundation*, Hong Kong, China; entre outras.

ALGUNS PROJETOS

PROJETO INSIDE OUT

(foto de capa desta edição)

“Desejo que você defenda aquilo que lhe é importante participando de um projeto de arte global e, juntos, transformaremos o mundo... de dentro para fora”, clamou JR em seu TED Talk, em 2011. A conferência lhe rendeu o TED Prize, prêmio para iniciativas disruptivas que visam impactar positivamente o mundo. De fato, JR deu início

a um projeto global que já passou por mais de 140 países e atingiu mais de 400.000 pessoas.

A ideia central é dar autonomia às pessoas para que compartilhem com o mundo seus retratos, assim como declarações sobre seus interesses. As ações do projeto estão documentadas em uma plataforma online desenvolvida especialmente para a

iniciativa. JR também criou um veículo que funciona como estúdio fotográfico. Nele as pessoas podem fazer e imprimir suas imagens no formato de um grande cartaz em preto e branco para ser disposto no espaço público. Com isso, o artista disseminou uma de suas marcas registradas, as intervenções com retratos impressos em escala de cinza, dando autonomia para o público fazer seus próprios projetos.

Inside Out já tomou diferentes configurações em diversos lugares do mundo. Seja ocupando fachadas de prédios, outdoors, muros ou ruas, JR traz à tona a face dos moradores desses lugares, humanizando os espaços. No Festival de Tribeca, em 2013, houve a estreia de um documentário que narra os processos envolvidos na realização do projeto.



Inside Out Project, Panthéon, Paris, França, 2014
Foto: Divulgação

ILUSÕES E INTERVENÇÕES

JR é mundialmente conhecido por suas intervenções em grande escala que modificam a paisagem criando ilusões de ótica. Ele se utiliza de cartazes impressos em preto e branco que, ao serem colados lado a lado sobre uma superfície (que pode ser da própria arquitetura), criam uma imagem unitária e hiper-realista, capturando a atenção dos transeuntes de modo a modificar a forma como cada um percebe aquele cenário cotidiano.

Em 2016, JR realizou a primeira intervenção nessa linguagem. Sobre a icônica pirâmide de vidro do Museu do Louvre, em Paris, ele dispôs uma imagem que, de certo ponto de vista, fazia a estrutura desaparecer, deixando-nos ver o antigo palácio em sua totalidade.

Recentemente ele interveio mais uma vez no Louvre, assim como na praça do Trocadero, em Paris, no *Palazzo Strozzi*, em Florença, e no *Met Breuer*, em Nova York. Em todos estes trabalhos nota-se o uso de ilusões, tais como a anamorfose. Ao se observar as intervenções de determinado ponto de vista, elas parecem criar verdadeiras aberturas, ou feridas, nos espaços em que se inserem.

No Trocadero, JR dispôs uma colagem fotográfica que se expande do chão até um tapume. Atrás dessa estrutura, podia-se ver a Torre Eiffel, um dos maiores símbolos da cidade. A composição, por sua vez, fundava uma cidade imaginária, no subterrâneo, reposicionando a famosa torre em um estranho equilíbrio entre dois cânions rochosos.



JR no Louvre, A Pirâmide, Museu do Louvre, Paris, France, 2016

Foto: Divulgação



Trompe l'oeil, As falésias do Trocadéro, Paris, France, 2021

Foto: Divulgação

SERVIÇO

Exposição *O papel da mão – JR*

Até 20 de maio

Galeria Nara Roesler – Av. Europa, 655,
Jardim Europa, São Paulo / SP
(11) 2039-5454 – info@nararoesler.art

Horário de funcionamento:
de seg. a sex. das 10h às 19h
sáb. das 11h às 15h



Loja de
decoração
no Rio
recebe *chefs*
renomados
para jantares
intimistas e
harmonizados
com vinhos

Texto e fotos: Bruno Calixto

A Vita Felice, fachada

Na frenética Rua das Laranjeiras – Zona Sul do Rio –, altura do 394, uma porta chama atenção dos passantes para a cena que acontece lá dentro. É o interior da loja de decoração *A Vita Felice* que recebe os clientes de um modo bastante peculiar: com comes e bebes. Tudo à venda ali funciona, desde o fogão de onde saem forradas de biscoitos e bolos com cheiro de casa da vovó até a geladeira abarrotada de vinhos, sucos e queijos frescos. É a maneira que os proprietários André Luís Farias e Adilson Nunes encontraram para se destacarem no ramo, além de se divertirem com um antigo hobby, a gastronomia.

O ápice deste encontro acontece nas noites de terça-feira, quando a dupla recebe até 30 comensais no andar de cima para um jantar intimista promovido por um chef renomado. “*Não é restaurante, então o serviço é menos formal*”, avisa a jornalista Maria Helena Esteban, convocada para assinar a curadoria do projeto *Compartilha.com*. O charme de jantar com *chefs*, como se estivesse em casa.

Já foram ao menos oito jantares, reunindo ali nomes como Flávia Quaresma, Frédéric de Maeyer, João Paulo Frankenfeld, Mariana Vidal e Félix Sanchez. Os *chefs* executam entrada, principal e sobremesa na hora e na frente da plateia, numa cozinha aberta. Até o *mise en place* é feito ali. Tudo harmonizado com vinhos, que são apresentados durante a noite.

A escolha dos produtos depende de quem está no comando das panelas, que também leva sua equipe para

deixar a experiência ainda mais completa. Um delicioso jantar servido pelo *chef* que cozinha a poucos passos de você. Os insumos, garantem os organizadores, são de altíssima qualidade.

No interior do salão (ar condicionado!), as mesas são para compartilhar. Do lado de fora, há poucos lugares na varanda. Para participar, basta fazer a reserva e desembolsar cerca de R\$ 290. O encontro é mensal, e a programação é sempre divulgada 15 dias antes no Instagram [@compartilha.com](https://www.instagram.com/compartilha.com).





Chefs Mariana Vidal, João Paulo Frankenfeld e Frédéric de Maeyer

A reportagem esteve no jantar do *chef* francês Pierre Landry, que serviu capuccino de cogumelos de *amuse bouche*, carpaccio de pirarucu de entrada, barriga de porco com mousseline de cabotiá de principal e mil folhas de castanha de caju e chocolate 70% de sobremesa.

A refeição foi toda preparada com vegetais frescos da linha *Fred Orgânicos* e harmonizado com vinhos Terrazas de Los Andes. A grande estrela da noite, o pirarucu veio com o selo *Gosto da Amazônia*, que mantém um projeto de pesca sustentável do peixe que pode chegar a 200kg e 3m de comprimento.

“Já estive na Amazônia por várias vezes para provar o pirarucu, o bacalhau de lá, mas meu sonho era trabalhar com este peixe, que demora muito para crescer. Sua produção ficou pequena diante da demanda, ou seja, virou uma iguaria rara”, comenta Landry, que curou o pirarucu em sal de cura por 18 horas e defumou com pimenta chinesa. Para incrementar a entrada,

ele serviu com caviar de tucupi e azeite defumado.

Ao longo do percurso, os convidados fazem perguntas, fotos e interagem com o *chef*, que não perde o foco na comida. Afinal, nada pode dar errado. Tem pessoas que voltam, caso da aposentada Piedade Quintino, 77 anos. Ela é um grupo de amigas – fãs de carteirinha da proposta – saem de Niterói numa Doblô com motorista particular, e não economizam nos trajes e adereços. *“É como sair com as amigas para um programa fora, tem que caprichar no visual, na maquiagem e usar as jóias o que raramente é frequente”,* diz Piedade. O momento de elegância e diversão dá asas a passagens lúdicas entre uma garfada e outra. Uma delas, que prefere não se identificar, brinca que só fica observando os vinhos que sobram nas taças das outras para tomar tudo. *“Se elas não tomam, eu mato.”*

“A ideia é jantar com o chef, como se estivesse em casa. Ter uma experiência completa, com direito a papo e dicas de preparo, em momento exclusivo. E desfrutar

de entrada, prato principal e sobremesa por preço fixo, na intimidade de uma cozinha gourmet”, resume a jornalista e curadora do projeto, Maria Helena Esteban.

PIRARUCU DE MANEJO

Muito se ouve falar sobre este peixão amazônico, que tem a época certa para nascer e o momento adequado para respirar. Mas há uma década, sua pesca – de origem ancestral indígena – ganhou contornos

de manejo sustentável. Isto porque um dia chegou a ser predatória. Uma série de regras do Ibama passaram a valer.

Tudo do pirarucu se aproveita, igual ao porco. As escamas se transformam em itens de artesanato indígena, o couro vira roupa da Osklen e a língua, uma ótima lixa para as unhas ou até mesmo os pés. Saber que preserva a floresta!



SUSTENTABILIDADE

Pimenta Assisi, o superalimento produzido pelas mulheres Waiwai na Terra Indígena Nhamundá Mapuera



As mulheres Waiwai são as produtoras da Pimenta Assisi, um produto que representa a sociobiodiversidade indígena. Cultivada em quintais e pequenas roças na Terra Indígena Nhamundá Mapuera, no extremo norte do Pará, a Pimenta Assisi é uma mistura única de dezenas de variedades do condimento que conferem sabor e tempero às comidas e pratos indígenas.

A sustentabilidade da produção dessa iguaria está na valorização e apoio à comercialização de produtos da sociobiodiversidade, que fazem parte do desenvolvimento e conservação das Áreas Protegidas daquele estado. Desse modo, o suporte à economia e promoção da participação das mulheres indígenas e comunidades tradicionais são desafios principais no que diz respeito à gestão de áreas protegidas.

As mulheres indígenas desempenham um papel crucial na preservação da cultura e tradição de suas comunidades. A produção é liderada por mulheres entre 40 e 60 anos, que assumem a responsabilidade de cuidar

das pimenteiras com independência e determinação, além de desempenharem um papel fundamental em todo o trabalho produtivo. Mais de 50% da produção é conduzida por elas.

A Pimenta Assisi contém compostos antioxidantes e anti-inflamatórios, além de ser rica em vitaminas e minerais essenciais, tais como a vitamina C e o ferro. Max Petrucci, fundador da Mahta, empresa que promove a produção sustentável desse alimento, afirma: *"Parte da nossa missão é promover a sustentabilidade na produção da pimenta, valorizando e apoiando a comercialização de produtos da sociobiodiversidade"*.

Além de ser um ingrediente saboroso e saudável, o condimento é também uma forma de valorizar a diversidade cultural e a força da mulher na produção tradi-

cional indígena. Segundo Edgard Calfat, cofundador da Mahta, *"a Pimenta Assisi pode ser facilmente incorporada na dieta, uma vez que pode ser usada como as clássicas pimentas em pó"*, conclui.

SOBRE A MAHTA

A Mahta tem como um dos principais objetivos a regeneração do microbioma e macrobioma através do *Sistema Regenerativo da Floresta (SRF)*, que busca a harmonia entre o homem e a natureza. A empresa trabalha com ingredientes cultivados por pequenos produtores a partir da floresta em pé, como os da Associação dos Pequenos Agrossilvicultores e Cooperativa Agropecuária e Florestal do Projeto RECA, de Rondônia, e da Cooperativa dos Agricultores do Vale do Amanhecer (Coopavam), do Norte de Mato Grosso, entre outros.





Renato Brunello, *O suave pousar do pássaro*, 2019

Foto: Everton Ballardin

"O VOO DA MATÉRIA", de Renato Brunello, na Arte132 Galeria, SP

Com curadoria de Laura Rago, 19 obras que integram a produção de mais de cinco décadas do escultor são exibidas e contrapostas em forma, tamanho e material no espaço expositivo

“O voo da matéria”, mostra individual de Renato Brunello, reúne uma seleção de 19 obras escultóricas produzidas em mármore e madeira. O trabalho do escultor propõe, essencialmente, o contraste entre a dimensão simbólica e as transversalidades que permeiam suas obras, além de outros dois aspectos que, embora aparentemente opostos, convergem a todo o tempo: a leveza daquilo que parece voar e o peso do que pousa e se fixa no solo. A curadoria, assinada por Laura Rago,

expõe o figurativismo de Brunello, que ocupa o corredor de entrada, e o abstracionismo, presente no salão principal e no jardim da galeria.

Foi em seu país de origem, a Itália, que Brunello adquiriu sua formação. Em quase cinco décadas de produção, o escultor fez da experimentação – seja no uso de materiais, seja na arrojada busca de formas – seu meio de expressão. Sua trajetória foi marcada pelo im-

Renato Brunello, *Feminina 02*, 1986
Foto: Renato Brunello



pulso dado pelo historiador e crítico de arte Pietro Maria Bardi. Desde sua formação na Escola de Artes e Ofícios, em Veneza, até sua produção no Brasil, o artista manteve sua técnica ancorada na execução manual e pessoal das esculturas.

Renato Brunello participou de importantes exposições, entre elas *"Itália – Brasil – relação entre século XVI e XX"*, *"Panorama da Escultura Brasileira do século XX"*, ambas no MASP (Museu de Arte de São Paulo), e *"Panorama da Arte Atual Brasileira – Escultura e Objeto"*, no MAM (Museu de Arte Moderna de São Paulo).

Laura Rago (São Paulo, 1984) é curadora independente e jornalista de arte graduada em história e pós-graduada em Jornalismo Cultural e em Arte: Crítica e Curadoria, ambos os cursos realizados na PUC-SP. É mestranda em comunicação e semiótica na PUC-SP. Pesquisadora na área de Arte e Política, História das Exposições, Arte e Tecnologia e Arte Pública.

SERVIÇO

Exposição *O voo da matéria*, de Renato Brunello

Até 13 de maio

Curadoria: Laura Rago

Arte132 Galeria – Av. Juriti, 132, Moema, São Paulo / SP

Visitação: segunda a sexta, das 14h às 19h

Sábados, das 11h às 17h

Entrada gratuita

<https://arte132.com.br>

Renato Brunello, *O mirante*, 2010

Foto: Everton Ballardín





J. BORGES

O MESTRE DA XIOLOGRAVURA

Mostra reúne no Sesi Campinas / SP as xilogravuras mais importantes do artista, além de oito obras inéditas com matrizes. A exposição, que será inaugurada dia 13, apresenta também a literatura de cordel do J. Borges, uma cinebiografia e obras de seus filhos aprendizes

J. Borges, *Plantio de algodão*
Foto: Divulgação

Com curadoria de Ângelo Filizola, a exposição traz uma coletânea de 44 xilogravuras, sendo oito delas inéditas (com suas respectivas matrizes), junto às 28 obras mais importantes da carreira de J. Borges. Os temas retratados simbolizam a trajetória de vida do artista considerado pelo dramaturgo Ariano Suassuna como o “*melhor gravador popular do Brasil*”. As obras destacam as diversas fases de sua história, proporcionando uma viagem pelo imaginário popular do Nordeste.

Com símbolos e figuras talhadas pelo artista, atualmente com 87 anos, a exposição está organizada por temas: *Viagens a Trabalho e Negócios, Serviços do Campo, Plantio de Algodão, Forró Nordestino, Plantio de Cana, Feira de Caruaru, Carnaval em Pernambuco e Festa dos Apaixonados*. A poesia popular também está presente na exposição, em um espaço dedicado especialmente à literatura de cordel. Cordelista há mais de 50 anos, os versos de J. Borges tratam do cotidiano do

J. Borges, *Forró nordestino*

Foto: Divulgação





J. Borges

agreste, de acontecimentos políticos, de fatos lendários, folclóricos e pitorescos da vida.

"Estou muito alegre com essa exposição sobre meu trabalho na xilogravura. Eu ainda quero viver bastante, e o que me inspira é a vida, é a continuação, é o movimento. Minha obra é aquilo que eu vejo, aquilo que eu sinto", comenta J. Borges, que é Patrimônio Vivo de Pernambuco, título concedido pelo Estado. Borges já expôs na França, Alemanha, Suíça, Itália, EUA, Venezuela e Cuba, deu aulas na França e nos EUA, ilustrou livros em vários países e foi destaque no The New York Times.

A exposição *J. Borges – O Mestre da Xilogravura* traz ainda duas obras assinadas por Pablo Borges e Bacaro Borges, filhos e aprendizes do artista, além da exibição de uma cinebiografia sobre vida e obra de Borges, assinada pelo jornalista Eduardo Homem.



Fotos: Arquivo Memorial J. Borges

J. Borges desenha direto na madeira, equilibrando cheios e vazios com maestria, sem a produção de esboços, estudos ou rascunhos. O título é o mote para criar o desenho, onde as narrativas próprias do cordel têm espaço na expressiva imagem da gravura. O fundo da matriz é talhado ao redor da figura que recebe aplicação de tinta, tendo como resultado um fundo branco e a imagem impressa em cor. As xilogravuras não apresentam uma preocupação rigorosa com perspectiva ou proporção.

A originalidade, irreverência e personagens imaginários são notáveis nas suas obras. Os temas mais recorrentes em seu repertório são o cotidiano da vida simples do campo, o cangaço, o amor, os castigos do céu, os mistérios, os milagres, crimes e corrupção, os folguedos, a religiosidade, a picardia, enfim todo o rico universo cultural do povo nordestino.



Instagram – [@memorialjborges](#)

“VINTE” – ANDERSON THIVES

Galeria Provisória em Ipanema, exibe retrospectiva de um dos raros artistas brasileiros que trabalha exclusivamente com colagem. A mostra reúne mais de 100 obras para celebrar as duas décadas de sua trajetória



Galeria Provisória

Foto: Divulgação

Anderson Thives celebra duas décadas de trabalho com a mostra “Vinte”, na sua *Galeria Provisória* – que acaba de completar um ano, em Ipanema –, reunindo um acervo de suas dez principais exposições: “Hollywood”, a primeira da carreira, que retrata o mundo das estrelas e filmes da famosa cidade; “Releituras”, onde ele apresenta uma nova roupagem em colagem de célebres

obras de arte; “*Santo Forte*”, que destaca o mundo dos santos e divindades; e as mais recentes, “*OlhAr*”, projeto idealizado na pandemia retratando personagens do cotidiano, e “*Don't Care Bear*”, esta também disponível em NFT, com lançamento oficial na abertura da mostra. A série com os conhecidos “*Ursinhos Carinhos*” que fizeram sucesso nos anos 90 ostenta men-

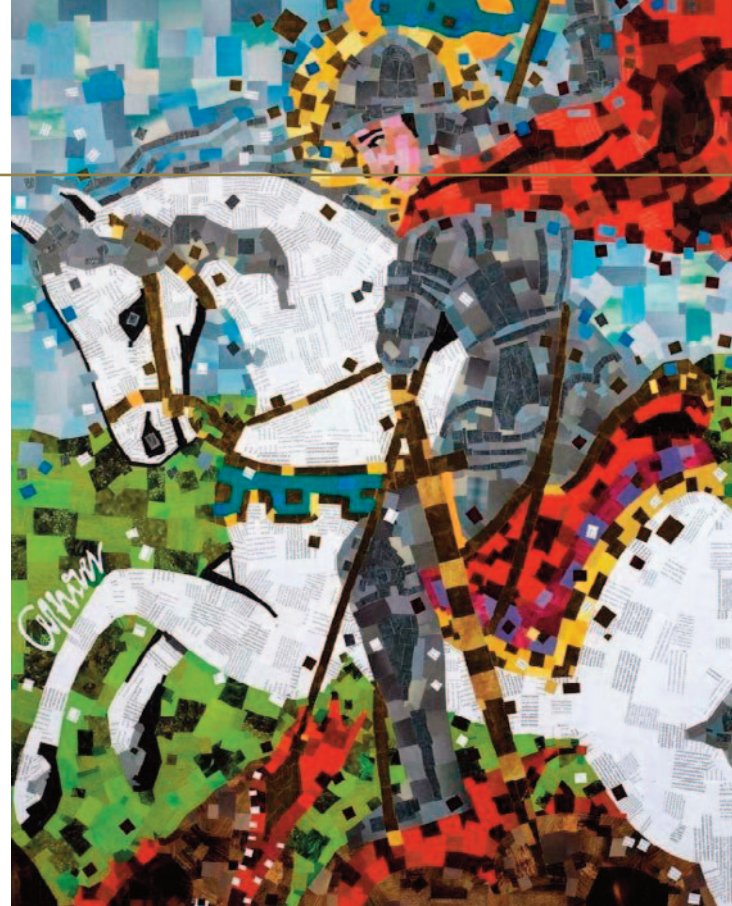


Galeria Provisória

sagens pouco convencionais, marca registrada da irreverência dos trabalhos de Thives.

"São mais de 25 exposições autorais e temáticas nesses vinte anos. E tive de escolher as dez mais significativas para mim, que estão setorizadas e autoexplicativas tanto para que conhecem o meu trabalho desde o início, na galeria do Cassino Atlântico, quanto para as pessoas que entram hoje em dia só por curiosidade na Galeria Provisória", diz o artista.

"Vinte" conta ainda com diversas instalações artísticas e instagramáveis, no espaço com cerca de 300 metros quadrados pertencente à família da arquiteta Aline Araújo, parceira de Thives no projeto. Mais de 100 obras compõem a mostra, entre originais e impressões



Santo Forte, São Jorge

Fotos: Divulgação

assinadas e numeradas, a maioria disponível para venda. Ao longo da carreira, o artista produziu mais de mil obras.

SOBRE A GALERIA PROVISÓRIA

Com a ideia inicial de reunir arte, moda, música e diversão, a Provisória acabou ocupando seus dois andares e o mezanino; o espaço vem se consolidando como celeiro para divulgar novos talentos de diversas nacionalidades. Hoje, dispõe de nichos instagramáveis que reproduzem um jardim sensorial – com direito a cheiro de floresta e canto de pássaros, inclusive – e instalações imersivas. O mezanino, ou o "Céu" como foi batizado, reproduz cômodos desconstruídos de uma casa (cozinha, quarto, banheiro e sala), um convite à reflexão interna de cada um. A galeria também pro-

move interações *in loco* com o público, que pode acompanhar em tempo real as criações de alguns artistas, como Miguel de Sender, o grafiteiro Andrea Brandani e o próprio Thives.

SOBRE ANDERSON THIVES

Anderson Thives é um dos únicos artistas brasileiros a trabalhar exclusivamente com colagem, em uma técnica que consiste em juntar milhares de quadrados de papel (em torno de cinco mil recortes por metro quadrado) nas mais variadas cores, tons e tamanhos, retirados de revistas e catálogos para formar as imagens. Com influência da Pop Art, além de artistas como Pablo Picasso, Andy Warhol, Tom Welsseman e Richard Hamilton, o artista retrata através de suas colagens toda sensibilidade, expressão e impacto formado por uma técnica pouco convencional. Suas obras também podem ser vistas em museus e galerias do mundo afora.

SERVIÇO

Exposição “Vinte” – artista plástico Anderson Thives comemora 20 anos de carreira

Até 16 de abril

Local: Galeria Provisória – Rua Visconde de Pirajá, 284-A, Ipanema / RJ

Funcionamento: segunda, das 12h às 19h; de terça a sábado, das 10h às 20h; domingo, das 13h às 19h

Contatos:

[@galeriaprovisoria](https://www.instagram.com/galeriaprovisoria) / [@andersonthives](https://www.instagram.com/andersonthives)

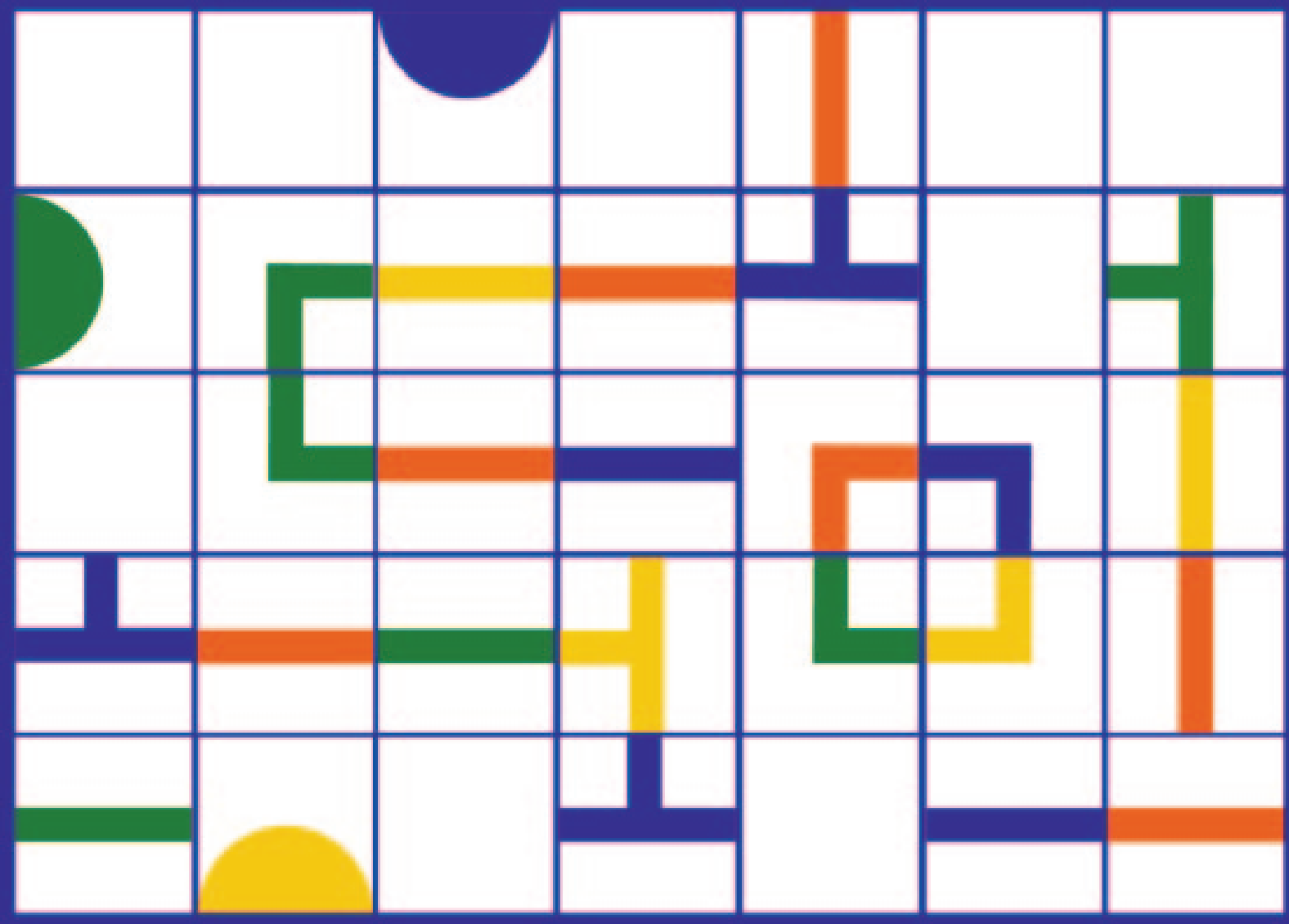


Hollywood – Clark Gable e Vivian Leigh

Foto: Divulgação



NFT,
Ursinhos
Carinhosos
Foto: Divulgação



ATHOS BULCÃO EM PORTO ALEGRE

Mostra no Farol Santander é inédita
na capital gaúcha e apresenta
a extensa obra do mestre da integração
da arte na arquitetura

O Farol Santander apresenta pela primeira vez em Porto Alegre obras de Athos Bulcão, um artista completo. Seu trabalho experimentou desenho, pintura, painéis, vestimentas e paramentos litúrgicos. Sua grande marca é a integração da arte na arquitetura, como mostram os muros escultóricos do Congresso Nacional e também do Hospital Sarah Kubitschek, onde o artista faleceu aos 90 anos, vítima do Mal de Parkinson, em Brasília, em 2008.

A mostra *Athos Bulcão* no Farol Santander faz um recorte dessa extensa obra, com mais de 160 obras do artista, que podem ser visitadas no mezanino do prédio e também na área externa, permitindo uma ampla experiência para o público. O conjunto destaca pinturas, projetos e desenhos, peças gráficas, painéis de azulejos, fotomontagens, máscaras e objetos do período de 1940 a 2000.

Três jogos de diferentes padrões de azulejos criados pelo artista estão em uma das salas do mezanino, onde os visitantes podem fazer as suas próprias obras de arte. Na área externa, dois cubos com fachadas de azulejos de diferentes cidades do Brasil e do exterior, “convidam” o público para conhecer o trabalho de Athos no interior do Farol. Como dizia o próprio artista, *“a arte existe para impactar, para provocar as pessoas”*.



De cima para baixo:
Panteão da Pátria
Tancredo Neves,
Praça dos 3 Poderes,
Brasília
Foto: Rdgard Cesar;
Lula, Hospital Sarah
Kubitschek
Foto: Diego Bresani;
Veste Litúrgica
Foto: Fundação Athos Bulcão
/ Divulgação

O legado doado pelo artista está preservado na Fundação Athos Bulcão, em Brasília, e o acervo inclui as criações de ateliê – desenho, pintura, gravura, fotomontagem, objetos, o trabalho gráfico em jornais, revistas, livros e capas de discos. Athos se destacou em seu diálogo direto com a arquitetura, mas sua obra vai muito além disso.

Nascido no bairro carioca do Catete em 1918, Athos seguiu o roteiro obrigatório daquela época para jovens ricos ou de classe média: estudar Medicina, Engenharia ou Direito. No seu caso, ficou com a primeira opção, mas abandonou o curso em 1939 para se dedicar à arte. Em 1948 recebeu uma bolsa de estudos do Governo Francês e foi estudar em Paris. Retornou ao Brasil em 1949, e em 1952 foi admitido no serviço de documentação do Ministério da Educação e Cultura. Mais tarde passou a colaborar em projetos do arquiteto

Oscar Niemeyer, com quem fez parceria nas obras de construção de Brasília e também com o premiado arquiteto João Filgueiras Lima.

A curadoria da exposição *Athos Bulcão* é de Marília Panitz e André Severo; a produção, de Daiana Castilho Dias, presidente do IPAC – Instituto de Pesquisa e Promoção da Arte e Cultura.

SERVIÇO

Exposição *Athos Bulcão*

Até 25 de junho

Farol Santander Porto Alegre

Rua Sete de Setembro, 1028, Centro Histórico,
Porto Alegre / RS

Acessibilidade:

Rua Cassiano Nascimento, lateral do acesso principal

Horário de visitaão: de terça-feira a domingo das 10h às 19h

Ingressos: R\$ 17,00 | *Classificação:* Livre

O IMAGINÁRIO SEGUNDO ATHOS BULCÃO: A CRIAÇÃO NO ATELIÊ

Por Marília Panitz | Curadora



Série *Carnaval*
Foto: Vicente de Mello



Série S Vida de N. Senhora

Foto: Vicente de Mello

O século de Athos aponta para um enorme reconhecimento de sua obra (no que diz respeito especialmente à cidade que adotou, Brasília) e, talvez, a um desconhecimento na mesma dimensão. Sua presença no mundo é iminentemente discreta. Ele produz sua arte e a expõe – na galeria ou no espaço urbano – mas sua atitude é silenciosa. O trabalho se impõe pela singularidade. E exerce clara influência sobre artistas que se formam depois dele.

Em suas primeiras pinturas, dos anos 1940 até o início dos 1960, figura um estranho cortejo carnavalesco de formas quase esquemáticas, com suas fantasias que remetem muito mais aos carnavais venezianos de antigamente do que à festa tipicamente carioca do começo do século XX. É contemporânea dos carnavalescos, uma obra que se encontra na Catedral de Brasília – “A vida de Nossa Senhora” – apresentando o mesmo uso da cor e da composição. E aí está a beleza da arte, onde o sagrado e o profano se aproximam em uma mesma experiência estética. Essa liberdade permite que o artista proponha novos espaços e novas vestimentas para a prática litúrgica, nem sempre bem compreendidas.

Os anos 50 também nos trazem suas fotomontagens, de viés surrealista. Esta criação adquire outra dimensão, quando vista sob a perspectiva de outros artistas pesquisadores da fotografia, da mesma época, como Geraldo de Barros e José Oiticica Filho. Cada um em sua linha de trabalho – que oscila entre um pensamento construtivo e o da desconstrução, operada especialmente pela postulação dadaísta – cria seu universo construído pela articulação entre elementos díspares e a unidade operada pela justaposição de imagens e formas na mesa de trabalho, com tesoura e cola e dentro da sala de luz vermelha. O artista dá nomes-narrativa para muitas de suas fotomontagens, nomes-convite à deriva, que nos capturam para dentro de seus fotofilmes, como ensina Serguei Eisenstein.



Fotomontagem, Sem título

Foto: Acervo Fundação Athos Bulcão

O abandono da figuração, por Athos, deu-se de forma gradual e com uma independência que não permite sua inclusão entre os movimentos abstracionistas articulados a partir do final dos anos 1940, no Brasil. A partir dos anos 60, quando estava no auge de sua parceria com Oscar Niemeyer, até a virada do milênio, sua pintura vai abandonando a figuração e depois também a geometria, transformando sua poética com formas orgânicas e flutuantes de extremo lirismo. No plano de fundo, campos de cor com contornos claramente definidos. Sobre ele, outro plano reticular: pontos expandidos em pequenas formas, geralmente circulares, algumas delas abrigando um (semi)alfabeto inventado e outras, pequenas cruzeiras, estrelas. Na sobreposição de círculos, tudo vibra. E exige um jogo de foco entre os dois planos. Pura e bem-vinda vertigem.

De formação modernista, cujo compromisso com a originalidade e a criação do novo é condição da experiência artística, Bulcão se permite incorporar a apropriação como método de trabalho. Em muitas peças,

ele recorre a referências de seus pares, ou de manifestações culturais de tempos imemoriais. Este é o caso das suas Máscaras, que manifestam sua metodologia de forma exemplar: são um amálgama (inclusive matérico) de experiências diversas com a visualidade. Criam certa arqueologia peculiar, onde aparecem fragmentos de sua memória organizados em indícios de referências. Vistas em conjunto, elas poderiam formar seu pequeno e idiossincrático Museu do Homem. Há uma aposta na feiura, na abjeção. Mas elas são estranhamente lindas, desejadas.

No fim da vida, Athos volta às suas fantasias da cor, em uma luta contra os estragos que o mal de Parkinson fazia em sua habilidade motora. Seus desenhos desta época – em torno de nossa mais importante festa profana – evocam muito da antiga figuração produzida por este artista tão identificado com certa abstração geométrica, ao mesmo tempo rigorosa e subversiva. Os carnavais inauguram e encerram o extenso período de produção imagética de Bulcão.



Série *Máscaras*

Fotos: Vicente de Mello

No IMS Paulista, exposição do fotógrafo
EVANDRO TEIXEIRA, com imagens tiradas
durante as ditaduras militares no Chile e no Brasil



Tomada do Forte de Copacabana durante o golpe militar, Rio de Janeiro, RJ, 01/04/1964

Foto: Evandro Teixeira / Acervo IMS

Com entrada gratuita, “Evandro Teixeira, Chile 1973” apresenta as imagens que o fotógrafo produziu durante a cobertura do golpe militar naquele país, com destaque para os registros do enterro do poeta Pablo Neruda. A mostra traz ainda fotos feitas no período da ditadura militar no Brasil. Paralelamente, a Biblioteca de Fotografia do IMS Paulista apresenta a mostra Papel, tinta e chumbo, fotolivros e ditaduras sul-americanas

Um dos principais nomes do fotojornalismo brasileiro, Evandro Teixeira (1931-2001) atuou na imprensa por quase seis décadas, sendo 47 anos no Jornal do Brasil. Com suas lentes, registrou os bastidores do poder no país, em especial as manifestações contrárias ao regime militar, além de temas associados ao esporte, à moda e à cultura. Em sua carreira, participou ainda de uma importante cobertura internacional: a do golpe militar no Chile em 1973. No país andino, produziu imagens

impactantes do Palácio De La Moneda bombardeado pelos militares, dos prisioneiros políticos no Estádio Nacional em Santiago e do enterro do poeta Pablo Neruda.

As fotografias tiradas durante esse capítulo traumático da história chilena são o destaque da exposição *Evandro Teixeira, Chile, 1973*, em cartaz até 30 de julho, na sede de São Paulo do Instituto Moreira Salles. A curadoria é de Sergio Burgi, coordenador de fotografia do IMS.



Presos políticos encarcerados no subsolo do Estádio Nacional, Santiago, Chile, 22/09/1973
Foto: Evandro Teixeira / Acervo IMS

A mostra reúne cerca de 160 fotografias em preto e branco, livros, *fac-símiles* e outros objetos, como máquinas fotográficas e crachás de imprensa. Além dos registros feitos no Chile, a exposição traz imagens produzidas por Evandro durante a ditadura civil-militar brasileira, em um diálogo entre os contextos históricos dos dois países. Em monitores dispostos pelo espaço expositivo, também são apresentados trechos de filmes que documentam o período, como *Setembro chileno*, de Bruno Moet, e *Brasil, relato de uma tortura*, de Haskell Wexler e Saul Landau.

Evandro, cujo acervo está sob a guarda do IMS, viajou para o Chile em setembro de 1973, no dia seguinte ao golpe militar de 11/9 que levou à morte do presidente eleito Salvador Allende. O fotógrafo foi como correspondente do Jornal do Brasil, acompanhado pelo repórter Paulo Cesar de Araújo. Retido com dezenas de outros correspondentes internacionais na fronteira da Argentina com o Chile, fechada deliberadamente pela junta militar chilena, chegou a Santiago em 21/9. Sob a vigilância dos militares, a imprensa internacional circulava por uma cidade sitiada e ocupada pelas forças armadas, com rígido toque de recolher. Além de contornar a censura local, Evandro precisava revelar as imagens rapidamente em um pequeno laboratório improvisado, que instalou no banheiro do seu hotel, e transmiti-las em seguida usando um aparelho de telefoto.



Corpo do poeta Pablo Neruda na Clínica Santa Maria, velado por sua viúva Matilde Urrutia, Santiago, Chile, 24/09/1973

Foto: Evandro Teixeira / Acervo IMS



Matilde Urrutia, viúva de Pablo Neruda, na Clínica Santa Maria ao lado do corpo do poeta, Santiago, Chile, 24/09/1973

Foto: Evandro Teixeira / Acervo IMS

Entre as imagens produzidas nesse período, o registro mais importante feito pelo fotógrafo, que ele mesmo considerava um dos marcos de sua carreira, foi a da morte e enterro do poeta Pablo Neruda. Um dia depois de chegar a Santiago, Evandro soube pela esposa de um diplomata que Neruda estava hospitalizado em uma clínica da cidade. O fotógrafo foi até o local, mas não conseguiu registrar o escritor, que morreu na noite daquele mesmo dia. Na manhã seguinte, retornou à clínica, já ciente da morte, e conseguiu acesso ao interior do edifício por uma entrada lateral, chegando ao local onde Neruda estava, em uma maca no corredor, sendo velado por sua viúva, Matilde Urrutia. Em entrevista para o site do IMS, o fotógrafo relembrou o episódio: *“Estou lá, rondando o hospital, e de repente abre uma porta lateral, olho, tiro a Leica, sempre deixo preparada para dois metros, o que der, deu. Entro, Neruda está na maca, dona Matilde, sua mulher, sentada com o irmão dela.”*

Evandro fez a foto e, em seguida, pediu permissão para a viúva, lembrando que havia fotografado Neruda anteriormente, em um encontro com o escritor Jorge Amado no Brasil. Matilde não só permitiu que ele fizesse os registros como pediu para acompanhá-la até a residência do casal, La Chascona, onde o corpo seria velado. *“Dentro da clínica fiz a maca, fiz várias fotos, apavorado. Eu olhava em volta, pensava naquele mundo de fotógrafos em Santiago e dizia pra mim mesmo: não, não é possível, só eu aqui, só eu?”*. Evandro registrou naquele dia e no seguinte detalhadamente todas as etapas do

velório e enterro do poeta, que contou com grande participação popular e se tornou o primeiro grande ato contra o governo de Pinochet.

Evandro foi o único fotojornalista a registrar Neruda ainda na clínica, logo após seu falecimento, que hoje, de acordo com estudos recém-publicados, parece ter sido causado por envenenamento. O curador Sergio Burgi comenta a importância dessa série de imagens, principal destaque da exposição: *“Essa é uma documentação excepcional e em grande parte ainda inédita, oriunda da obstinação e audácia de um fotojornalista brasileiro que conseguiu penetrar incógnito no hospital onde se encontrava o corpo do poeta que admirava e conhecera no Brasil”*.

A exposição também traz imagens que Evandro realizou no Estádio Nacional do Chile, local onde o governo encarcerou e torturou inúmeros presos políticos. Os correspondentes foram levados pelos próprios militares para fotografar o local, em uma iniciativa oficial que visava a encobrir as violações de direitos humanos que aconteciam ali. Ainda assim, Evandro e outros colegas conseguiram driblar o cerco e registrar tanto a chegada não planejada pelos militares de novos presos políticos ao estádio como também penetrar no subsolo do local, onde jovens estudantes foram fotografados sendo conduzidos para áreas internas. Junto aos registros do Estádio Nacional, há também imagens que mostram a violência militar em Santiago, como a foto do Palácio De La Moneda bombardeado.

Em outro núcleo, a mostra apresenta fotos feitas por Evandro durante a ditadura brasileira e que hoje fazem parte do imaginário sobre o período. Entre elas, estão a da Tomada do Forte de Copacabana, feita exatamente no dia 1º de abril de 1964, as imagens das manifestações contrárias ao governo, em 1968, como a da Passeata dos Cem Mil, vetada pelos censores da época por registrar a faixa “Abaixo a ditadura, povo no poder”, ou ainda a foto na qual Evandro registra a queda de um motociclista da FAB, em 1965. Junto aos registros, há uma cronologia da carreira do fotógrafo, além de de-

poimentos em vídeo em que relembra momentos marcantes de sua trajetória.

Para Sergio Burgi, o conjunto de imagens reforça a importância da prática diária do fotojornalismo como ferramenta de fiscalização do poder e preservação da memória: *“A obra de Evandro Teixeira é expressão plena deste compromisso do fotojornalismo com o testemunho direto da realidade e com a liberdade de expressão e criação, essenciais tanto em nosso passado recente como ainda hoje. Passadas cinco décadas, suas*

Passeata dos Cem Mil na Cinelândia, Rio de Janeiro, RJ, 26/06/1968

Foto: Evandro Teixeira / Acervo IMS





Repressão policial durante a missa de sétimo dia do estudante Edson Luís, assassinado durante protesto estudantil no Rio de Janeiro, RJ, 04/04/1968
Foto: Evandro Teixeira / Acervo IMS



Manifestantes presos no Estádio Nacional, Santiago, Chile, 22/09/1973
Foto: Evandro Teixeira / Acervo IMS

imagens sobre as ditaduras militares no Chile e no Brasil reafirmam claramente a importância da democracia e do respeito absoluto ao estado de direito e à cidadania. São imagens que desnudam o autoritarismo e permanecem denunciando, ainda nos dias de hoje, de forma clara e cristalina, os riscos das aventuras golpistas."

A mostra também contribui para a reflexão sobre a extensa obra de Evandro Teixeira, profissional comprometido sobretudo com seu ofício, como revelam suas palavras: *"Minha aventura pessoal identifica-se com a aventura vivida pelo mundo. Não tenho méritos para isso, sou um homem manejando uma câmera. Quando bem operada, é um fósforo aceso na escuridão. Ilumina fatos nem sempre muito compreensíveis. Oferece lampejos, revela dores do impasse do mundo. E desperta nos homens o desejo de destruir esse impasse."*

EXPOSIÇÃO SIMULTÂNEA

NA BIBLIOTECA DE FOTOGRAFIA

Até 11 de junho, a Biblioteca de Fotografia do IMS Paulista, em diálogo com as fotos de Evandro Teixeira, apresenta a mostra *Papel, tinta e chumbo: fotolivros e ditaduras sul-americanas*, composta de publicações que abordam as ditaduras militares ocorridas na América do Sul entre os anos 1960 e 1980. Os títulos apresentados mostram como fotógrafos e artistas documentaram os acontecimentos no momento em que

aconteceram ou como os rememoraram depois, muitas vezes se valendo de álbuns familiares e arquivos públicos. Nas páginas dos livros, encontram-se a iminência dos golpes de Estado, a atuação da repressão, o cotidiano possível, os dramas familiares, as greves e as lutas de resistência, os lugares indizíveis, o exílio, as dissidências ocultas e os efeitos da ausência dos desaparecidos. Entre os livros apresentados estão *A greve do ABC*, de Nair Benedito, Juca Martins e Eduardo Simões *et al* (Brasil); *La manzana de Adán*, de Paz Errázuriz (Chile); e *Una sombra oscilante*, de Celeste Rojas Mugica (Argentina), entre muitos outros.

SERVIÇO

Exposição *Evandro Teixeira, Chile 1973*

Até 30 de julho

IMS Paulista – 6º andar

Avenida Paulista, 2424, São Paulo / SP

Horário de funcionamento: Terça a domingo e feriados (exceto segundas), das 10h às 20h

Entrada gratuita

Exposição *Papel, tinta e chumbo: fotolivros e ditaduras sul-americanas*

Até 11 de junho

IMS Paulista – 1º andar

Avenida Paulista, 2424, São Paulo / SP

Horário de funcionamento: Terça a domingo e feriados (exceto segundas), das 10h às 20h

Entrada gratuita



Ateliê Elisa Bracher

Foto: Isabella Matheus

Pinacoteca de São Paulo recebe a mostra FORMAS VIVAS, de ELISA BRACHER

*Com abertura em 1º de abril, a exposição ocupa o 4º andar da Pinacoteca Estação
25 anos depois da primeira apresentação da artista na instituição*

A Pinacoteca de São Paulo, museu da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, inaugura a exposição *Elisa Bracher: formas vivas*, no 4º andar da Pinacoteca Estação. Exatos 25 anos após a primeira exibição da artista na Pinacoteca, instalações

em madeira, papel e chumbo ocupam as três galerias expositivas do quarto andar do edifício, propondo uma organização fluida entre questões que sempre permearam a produção de Bracher: peso, equilíbrio, composição e percurso. Com curadoria de Pollyana

Quintella, os trabalhos foram desenvolvidos especialmente para essa exposição.

Desde o início dos anos 1990, Elisa Bracher explora as relações entre forma, matéria e espaço, em um percurso que abrange gravuras, esculturas e desenhos que desafiam os materiais no limite de seus atributos. Em 1998, pela primeira vez a artista realizou uma mostra individual na Pinacoteca, ocasião em que expôs, no pátio externo e na calçada em frente ao museu, um conjunto de suas enormes toras de madeira, obras responsáveis por torná-la amplamente conhecida no cenário artístico brasileiro. Em *Elisa Bracher: formas vivas*, o público terá acesso a uma apresentação panorâmica do trabalho de Bracher, que responde ao espaço expositivo com três grandes instalações, acompanhadas por composições musicais inéditas de Shen Ribeiro e Rodrigo Felicíssimo, desenvolvidas especialmente para a ocasião.

“Elisa Bracher: formas vivas desdobra alguns dos aspectos mais importantes da obra da artista. Primeiro, a capacidade de se engajar intimamente com os materiais e suas qualidades. Depois, seu modo de lidar com o próprio corpo da instituição como matéria de trabalho. Para Bracher, não há obra antes do espaço, só há obra a partir do espaço, em resposta a ele. Por isso, muitas perguntas foram colocadas ao longo do processo. Por exemplo, quanto peso esse chão suporta? De que é feito o teto? É possível abrir as paredes e as janelas? O edifício é testado física e conceitualmente, no limite de sua estrutura. Por fim, como estamos tratando de obras a um só tempo frágeis e vigorosas, é o próprio corpo do público que também é convidado a assumir uma outra postura no museu, uma vez que é preciso se colocar em um estado de cuidado e atenção redobrados para percorrê-las. Trata-se de uma produção que encontra sua força justo no embate com o mundo material e nos conflitos que daí emergem”, conta Pollyana.



Ateliê Elisa Bracher
Foto: Isabella Matheus



Ateliê
Elisa Bracher
Foto:
Isabella Matheus

Elisa Bracher: Formas vivas tem patrocínio da Caterpillar, na cota Prata.

MADEIRA, PAPEL E CHUMBO

Na primeira sala, uma composição circular de restos de madeiras oriundas de construções rurais e antigas esculturas sugere a iminência de um desabamento, em um equilíbrio instável. Jacarandás, Perobas e Ipês são apresentados ao público como destroços e fragmentos arruinados. Destituída de causa e efeito, a força da obra, chamada de *Novo corpo*, reside em sua ambiguidade: seu esforço de estruturação é frágil, mas persistente.

Ao redor, fotografias em preto e branco da vegetação de São Bento do Sapucaí, município situado na Serra da Mantiqueira, apresentam padrões diversos de folhagens, evocando a origem da mata, *in natura*. Vistas juntas, esculturas e fotografias falam de um antes e um depois, em um jogo entre a matéria bruta e o seu

usufruto. Se *Novo corpo* põe o espectador em alerta na medida em que manifesta seu frágil equilíbrio no espaço, desenhos em papel japonês suspensos como uma fina membrana, na sala seguinte, produzem um novo estado de tensão.

Um varal de barras de ferro, responsável originalmente por auxiliar na secagem dos desenhos de grandes dimensões, cruza o espaço da segunda galeria de ponta a ponta. Transportado do ateliê da artista, na Vila Leopoldina, São Paulo, o varal permite que o público observe os papéis como um conjunto, com contornos e áreas preenchidas, traços oleosos e secos, vermelhos, amarelos e negros, em uma espécie de desenho expandido no espaço, de escala arquitetônica, enquanto também assume ares de corpo escultural. Dois vídeos projetados dialogam com os desenhos, transformando-os em coisa viva: um fluxo de óleo e pigmento preenche uma tripa dentro de uma forma de vidro, como se

testemunhássemos uma operação no interior de um organismo.

Na última galeria, em situação de suposta leveza, lençóis de chumbo se apresentam como retalhos moles. Enormes chapas do material, sustentadas por cabos de aço, tem sua maleabilidade explorada pela artista para conferir textura e plasticidade, transformando áreas lisas e intactas em matéria deformada. Optando por deixar as janelas da sala abertas, Bracher explora a própria luz natural como meio de expressão da escultura. A capacidade do chumbo de reluzir, de refletir o espaço circundante, colabora aqui para distorcer as dimensões da galeria.

Por fim, o espectador encontrará, depois de percorrer diversas camadas de chumbo, um piano de cauda repousado no espaço. Ao longo da mostra, performances musicais coordenadas por Shen Ribeiro e Rodrigo Felicíssimo serão responsáveis por explorar as propriedades sonoras do chumbo em uma extensa programação de ativações.

SERVIÇO

Exposição Elisa Bracher: Formas Vivas

De 1º de abril a 17 de setembro

Pinacoteca Estação – Edifício Pina Estação

Largo General Osório, 66, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3335-4990

Funcionamento:

de quarta a segunda, das 10h às 18h

Gratuito



Ateliê Elisa Bracher

Fotos: Isabella Matheus





Foto: Divulgação

METAPAISAGENS de LUIZ PIZARRO

Mostra de Luiz Pizarro exhibe obras recentes inéditas, que abrem espaço para a representação do Cosmos e questionam o homem como centro do universo

A produção atual do artista demonstra a preocupação de expressar uma visão holística sobre os elementos, tirando a figura humana do centro das atenções para dar lugar ao todo, quer seja a natureza, a organicidade ou a harmonia universal. *“Metapaisagens”* ocupa uma sala de 300m² com 18 telas de grandes formatos, produzidas entre o início de 2022 e 2023 em tinta acrílica, tendo as cores como elemento fundamental, uma forte

característica de Pizarro. A abertura da mostra, no Paço Imperial, RJ, será no dia 4.

No fundo do espaço, encontra-se o *“Cubo Mágico”* – ou *“Cubo dos Desejos”* –, onde cada visitante é convidado a escolher uma cor nos novelos disponíveis, perpassando o total das letras do seu nome por pontos dentro da instalação interativa, mentalizando desejos.

Foto: Divulgação





Foto: Divulgação

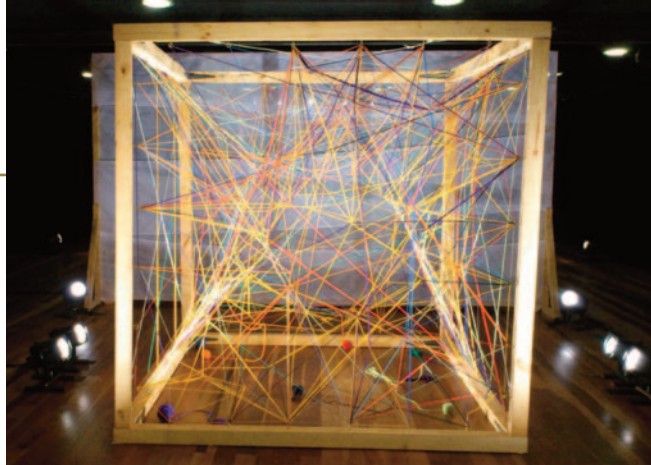
A figura geométrica também se faz presente em cubos brancos nas próprias telas, chamados por Pizarro de cubos de cristal. Essa é sua quarta mostra no Paço Imperial.

“Esses trabalhos foram formulados em cima do conceito da colaboração, da interligação dos elementos. Já trabalhei muito a figura humana; dessa vez, quis tirá-la das telas. Nossa contemporaneidade foi gerando uma centralidade que acabou sendo egocêntrica. Em ‘Metapaisagens’, o planeta Terra está representado por uma bola repleta de pontinhos que são a nossa imagem. Não somos mais do que pequenos pontinhos nesse planeta,

que está inserido no espaço cósmico e sideral que, metaforicamente, é a tela como um todo, com plantas e flores, em um espaço aberto, o Cosmos”, diz Pizarro.

SOBRE O ARTISTA

Luiz Pizarro nasceu em 1958, no Rio de Janeiro, onde vive. Conhecido por integrar a chamada *Geração 80* da arte brasileira, participou de duas edições da Bienal Internacional de São Paulo, lecionou com Beatriz Mílhares na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e coordenou projetos educacionais e sócio-interativos no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no Museu Nacional de Belas Artes. Contemplado com a Bolsa



Cubo Mágico ou
Cubo dos Desejos

Foto: Divulgação

Icatu de Artes, residiu e trabalhou em Paris, na *Cité des Arts*, entre março e agosto de 2006. concluiu sua formação artística no Parque Lage, de 1981 a 1983. Pintor e arte-educador, possui experiência de quase 30 anos em atividades educacionais e socioeducativas. coordenou projetos educacionais e sócio-interativos no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no Museu Nacional de Belas Artes.

SERVIÇO

Exposição “Metapaisagens” – Luiz Pizarro

Abertura: dia 4 de abril, terça-feira, das 14h às 19h

Visitação: de 5 de abril a 28 de maio

Paço Imperial – Praça XV de Novembro, Centro, RJ

Funcionamento: de terça a domingo e feriados,
das 12h às 18h

Entrada gratuita

Contatos: [@pizar_ro12](https://twitter.com/pizar_ro12) / www.luizpizarro.com.br

Foto: Divulgação



A arte de PETER DOIG na Courtauld Gallery, Londres



Texto e fotos: Maria Hermínia Donato

“Nunca tento criar espaços reais – apenas espaços pintados. É só nisso que estou interessado. Pode ser por isso que nunca há realmente nenhum tempo ou lugar específico em minha pintura”. *Palavras de Peter Doig, um artista que recusa as restrições de tempo, de um lugar particular e da estrutura da história da arte com seus movimentos e tendências. Sua arte é contar histórias cujo diálogo circula entre o real e o imaginário*

A exposição *Peter Doig*, na Courtauld Gallery em Londres, apresenta um novo capítulo emocionante da carreira deste criador, que é o primeiro artista contemporâneo a exibir suas obras entre os Monets, Cézannes e Van Goghs expostos nas salas adjacentes.

As 12 telas e 19 obras em papel que compõem a mostra – gravuras criadas como resposta do pintor à poesia de seu amigo Derek Walcott – marcam a volta de Peter Doig de Trinidad para Londres.

Pinturas impressionistas e pós-impressionistas deslumbrantes são as estrelas da coleção permanente da Courtauld Gallery, em Somerset House, edifício neoclássico do século XVIII. Fundada por colecionadores e filantropos em 1932, The Courtauld é uma grande influência na arte do Reino Unido, pela pesquisa histórica, conservação e curadoria. Após um ambicioso projeto de três anos para transformar a galeria, o espaço foi reaberto em novembro de 2021.

Night Studio (StudioFilm & Racquet Club), 2015; na página anterior: Alpinist, 2019-22



SOBRE O ARTISTA

Peter Doig nasceu em Edimburgo, na Escócia, em 1959. Em 1962 foi, com sua família, viver em Trinidad e Tobago e, em 1966, seguiu para o Canadá. Sua infância foi, portanto, marcada por contrastes: a neve e suas montanhas congeladas *versus* o calor úmido do sol caribenho nas praias.

Regressou ao Reino Unido em 1979, onde estudou na *Wimbledon School of Art*, na *St. Martin's School of Art* e, mais tarde, na *Chelsea School of Art*, numa época em que os artistas e galerias não estavam muito interessados em pintura. Os jovens artistas dos anos 1990 estavam interessados no conceitualismo, enquanto Doig permaneceu fiel à pintura. Trabalhava em filmes e cenários para sobreviver; essa atividade viria a beneficiá-lo mais tarde, pois com ela aprendeu a lidar

com telas de grandes dimensões.

Em 1994 foi selecionado para o prêmio Turner, da Tate Gallery; em 2002, retornou a Trinidad com sua família, onde permaneceu por duas décadas.

ALGUMAS OBRAS

As pinturas de Doig poderiam muito bem ter nascido em Trinidad e ter sido concluídas em Londres ou em qualquer outro lugar; não importa, pois parecem pairar no lugar e no tempo, suspensas. Este é um conceito que talvez possa ser compreendido pela vida nômade do artista.

Na primeira sala da exposição está *Night Bathers* (2011-2019); a obra representa uma cena de banhistas na Baía de Maracas, uma das praias mais populares da ilha



Night Bathers,
2011-2019

de Trinidad. É uma cena noturna, com cores cintilantes, inspirada pela fosforescência de uma noite vivenciada pelo artista, quando o brilho de milhões de organismos marinhos iluminava o mar. As figuras da mulher e do banhista, isolados um do outro, deitados na areia banhada pela luz da lua, sob uma atmosfera algo estranha, sugere um mistério e ao mesmo tempo, talvez, uma remota inquietação.

As ideias do artista vêm de fotografias e filmes, amigos e família, capas de discos de vinil, referências pessoais, do visível e do invisível, do cotidiano, do íntimo e do social – imagens que se desenvolvem de forma imprevisível.

House of Music (Soca Boat), (2019-2023), é uma pintura baseada numa fotografia de pescadores mostrando suas capturas; na tela, Doig transforma os pescadores em músicos. O título é emprestado de Shadow, um dos músicos de soca mais famosos de Trinidad, e de sua música de 1979 *“Dat Soca Boat”*. Shadow canta sua paixão pela música, enquanto Doig dá forma visual à ideia de que a música é um barco no mar.

O mar de Doig tem uma qualidade etérea, pelas camadas translúcidas de pigmentos que emergem umas sobre as outras. Tudo parece fora do nosso alcance; vemos os músicos, mas sentimos a música desaparecendo.

Alice at Boscoe’s (2014-2023), um dos quadros menores da exposição – no qual a filha do artista está deitada em uma rede e o espaço ao seu redor é sobrecarregado

com folhas pesadas – é impressionante pela maneira como as plantas parecem mais vivas do que a menina, capturando um sentido misterioso de espiritualidade. A justaposição entre a animação e o fantasmagórico é um motivo presente na obra de Doig.

Isabela Galvão, consultora de arte e colecionadora, escreve sobre a obra: *“O trabalho que mais gostei foi o de sua filha deitada na rede. Achei incrível a escolha de cores e a forma como a composição chama atenção pela sua harmonia, que é vibrante e serena ao mesmo tempo. Parece que todos os elementos são necessários e não há nada faltando. Poderia passar horas admirando essa tela”* – diz, e completa: *“A exposição se beneficia do local onde está sendo exposta, trazendo um frescor e uma contemporaneidade à Courtauld Gallery.”*



‘House of Music (Soca Boat), 2019-2023



Canal,
2023

Alpinist (2019–2022), a obra mais comentada da exposição, é baseada num cartão postal antigo. A tela enorme mostra um esquiador solitário – que nos confronta, de uma floresta coberta de neve, com a figura imponente do monte Matterhorn, nos Alpes, visível à distância. O esquiador é um arlequim – traje associado, por muitos artistas, a um intruso criativo; esse personagem foi, por exemplo, usado por Cézanne e Picasso em suas obras. Seus esquís cruzados remetem a uma sugestão religiosa de peregrinação.

A aplicação de camadas de tinta resulta em um patchwork de planos delicados e abstratos. Em certos pontos a tinta escorre e se acumula na tela, de modo que o sólido se torna uma superfície mutável, mesclando o figurativo com o abstrato.

A maior e mais nova obra de Peter Doig, *Canal* (2023), é uma visão do Regent's Canal, sua primeira obra sobre Londres, que data da década de 1980. Doig conhece o local muito bem, já que foi tema de um cartão de aniversário para seu filho.

Um garotinho (filho), vestindo uma jaqueta azul e com olhar pensativo, se senta em uma mesa verde. Uma ponte vermelha se impõe contra um céu escuro, enquanto as imagens ao redor adotam uma paleta mais suave e naturalista. O uso de cores fortes é flagrante, ao olharmos para a imagem. À esquerda há outra figura, que talvez passe despercebida: um barqueiro ao volante de uma barça, quase prestes a deixar a tela. Doig faz com que o visitante volte e questione o que está vendo; é ele que completa a narrativa, que cria sua história. Doig possui uma capacidade única de capturar momentos de transitoriedade.

"Eu o colocaria como um dos pintores mais significativos dos últimos 30 anos, em todo o mundo", afirma Alex Farquharson, diretor da Tate Britain, ao falar sobre Peter Doig numa entrevista para o jornal Financial Times.

Depois de ver a exposição, não tenho a menor dúvida disso.

SERVIÇO

Exposição "Peter Doig" – Courtauld Gallery, Londres
Até 29 de maio



Espectáculo *Primavera*, Grupo Corpo

Foto: José Luiz Pedrneiras

"PRIMAVERA e BREU" e "MATÉRIA ESCURA"
trazem a dança para dentro do
FESTIVAL DE CURITIBA

As conexões entre a dança e o teatro estão bem marcadas no palco do 31º Festival de Curitiba. Dois espetáculos com estreia em abril fazem parte da Mostra Lucia Camargo. O Grupo Corpo retorna com duas coreografias assinadas por Rodrigo Pederneiras, “Primavera” e “Breu”; o catarinense Grupo Cena 11 regressa com sua conhecida radicalidade estética e corporal em “Matéria Escura”. Combinando referências e tecnologias, investigando possibilidades e experimentando limites, os espetáculos apresentam olhares que se complementam e estabelecem conversas



Dirigido por Alejandro Ahmed, o Cena 11, em *"Matéria Escura"*, propõe uma dança que se modula músculo, esquelética, emocionalmente através da gravidade, transitando para expansões em que tudo que se move é potência em dança. Ao longo de 30 anos, o grupo catarinense conquistou reconhecimento pela originalidade de criações que transitam entre saberes, amparadas por modos de pensamentos não autofágicos da própria ideia de dança. *"Procuro fazer com que ela seja uma capacidade cognitiva de acessar outros saberes"*, explica Ahmed, sobre as buscas do grupo. *"E quando se coloca a dança nesse campo de operação junto ao teatro, ambos se expandem e se arriscam mais, buscando outros lugares"*, completa.

Essa busca por novas maneiras de dançar interessa também ao coreógrafo Rodrigo Pederneiras, do Grupo Corpo. *"Acho fascinante essas centenas de possibilidades, todo mundo pode dançar. Vocês abriram um leque enorme de possibilidades, de novas maneiras de dançar, de fazer dança, acho maravilhoso"*, diz. Desta feita, a companhia trafega entre a ideia do recomeço e do sopro de esperança, em *"Primavera"*, e uma tradução poética da violência e da barbárie dos dias que vivemos, apresentada em *"Breu"*.

Há também vários espetáculos de dança na programação do Fringe. Todas as novidades e informações podem ser acompanhadas pelo site do Festival de Curitiba www.festivaldecuitiba.com.br,



pelas redes sociais disponíveis no Facebook [@fest.curitiba](https://www.facebook.com/fest.curitiba), pelo Instagram [@festivaldecuritiba](https://www.instagram.com/festivaldecuritiba) e pelo Twitter [@Fest_curitiba](https://twitter.com/Fest_curitiba). Ingressos disponíveis pelo site oficial e na bilheteria física no Shopping Mueller (Piso L3).

SERVIÇO

Mostra Lucia Camargo - Festival de Curitiba

Grupo Corpo – Primavera e Breu

Data e Horário: 8 de abril às 20h30 e 9 de abril às 19h

Local: Teatro Guaíra (Guairão) – Rua XV de Novembro, 971, Centro, Curitiba / PR

Classificação: Livre

Duração: 80 min (intervalo de 20 min)

Ingressos: www.festivaldecuritiba.com.br

e no Shopping Mueller (Piso L3)

Valores: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Grupo Cena 11 – Matéria Escura

Data e Horário: 7 e 8 de abril às 20h30

Local: Teatro da Reitoria – Rua XV de Novembro, 1299, Centro, Curitiba / PR

Classificação: 16 anos. Contém cenas de nudez.

Duração: 90 min

Ingressos: www.festivaldecuritiba.com.br

e no Shopping Mueller (Piso L3)

Valores: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)



Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868